



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA DA UFPA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

RONILSON BRITO DA SILVA

**A FÉ EM FESTA: UM ESTUDO SOBRE A ESPETACULARIDADE DO AUTO
DO DIVINO EM MOJU-PA**

Belém-PA
2022

RONILSON BRITO DA SILVA

**A FÉ EM FESTA: UM ESTUDO SOBRE A ESPETACULARIDADE DO AUTO
DO DIVINO EM MOJU-PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para obtenção do grau de licenciatura em Teatro, na Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Claudio Cristiano Chaves das Merçês

Belém- PA
2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

S586f Silva, Ronilson Brito da
A fé em festa: um estudo sobre a espetacularidade do Auto do Divino em Moju-PA / Ronilson Brito da Silva – 2022.

Orientador: Prof. Me. Claudio Cristiano Chaves das Merçês

Monografia (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Arte, Escola de Teatro e Dança, Curso de Licenciatura em Teatro, Belém, 2022.

1. Teatro – Moju (PA). 2. Teatro de rua. 3. Autos populares. 4. Representação teatral. I. Título.

CDD - 23. ed. 792.098115

Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
ESCOLA DE TEATRO E DANÇA
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ATA DE AFERIÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao primeiro dia do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e dois, às dezesesseis horas, reuniu-se na ETDUFPA, a Banca Examinadora composta pelos professores: Prof. Me. Cláudio Cristiano Chaves das Mercês (Orientador e Presidente), Prof. Dr. José Denis Oliveira Bezerra (Examinador) e Prof.^a Ma. Cláudia do Socorro Gomes da Silva (Examinadora), para a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso de autoria do aluno Ronilson Brito da Silva, intitulado: A FÉ EM FESTA: Um estudo sobre a espetacularidade do corpo no Auto do Divino em Mojú – Pa. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação pública oral e expositiva, a banca promulga o seguinte resultado:

O trabalho foi aprovado com conceito BOM com as seguintes observações conforme a falta de observações e após constar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada pelo presidente e demais membros da banca examinadora.

Belém, 01 de dezembro de 2022

Prof. Me. Cláudio Cristiano Chaves das Mercês
Orientador e Presidente da Banca

Prof. Dr. José Denis Oliveira Bezerra
Examinador

Prof. Ma. Cláudia do Socorro Gomes da Silva
Examinadora

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e ao Divino Espírito Santo, pelas vitórias e conquistas, sendo uma delas, o sonho de cursar esta faculdade. Por me guiarem sempre no caminho da perseverança, de nunca desistir dos meus estudos e do aprimoramento dos meus dons artísticos.

Agradeço ao meu grande amigo, Edson Raimundo da Cunha Chagas (in memória), um grande diretor no ramo teatral, ao qual tive o prazer de trabalhar e, o qual foi o incentivador e apoiador para meus trabalhos no teatro, me ensinando muitas técnicas e segredos da arte. A você, Edson Chagas, onde estiveres, o meu muito obrigado.

Agradeço também aos meus colegas de classe, que me acolheram, me estenderam as mãos quando achei que não conseguiria avançar e, também por todos os nossos trabalhos feitos juntos, pelas trocas de experiências e os incentivos.

Agradeço a meus professores que ao longo desses anos contribuíram em minha formação.

Aos meus amigos, que de forma direta ou indiretamente me ajudaram nas idas e vindas a Belém até a conclusão do curso de Teatro, a todos agradeço em nome Elda Monteiro, Eliana Pinheiro, Léia Martins, Ediléia Ferreira, Flavia Teixeira e Neuza Teixeira, a vocês o meu muito obrigada.

E a você que inicia a leitura deste trabalho,

Boa leitura e obrigado!

**A FÉ EM FESTA: UM ESTUDO SOBRE A ESPETACULARIDADE DO AUTO
DO DIVINO EM MOJU-PA**



RESUMO

A festividade do Divino Espírito Santo em Moju/Pa é uma tradição existente há mais de 268 anos, comemoração que remonta os tempos coloniais. Assim como muitas outras manifestações do catolicismo, a festa do Divino é atravessada por manifestações culturais e eventos de cunho espetacular. O Movimento do Mastro como também o Auto do Divino, dois momentos dentro dos festejos ao Santo são os momentos que mais atraem os fiéis, mas pontua-se ao dizer que, esta investigação tem como Objetivo Geral Analisar o Auto do Divino do município de Moju enquanto fenômeno espetacular na festividade. Deste modo, este estudo pauta-se em Miguel Santa Brígida (2015); Alexandra Gouveia (2010), Vera Jurkevics (2005), Valeria Salles (2007), Válber Salles (2015) que explicam a espetacularidade presente na festividade do Divino Espírito Santo. Para tanto, a metodologia utilizada é da pesquisa qualitativa atrelada a etnocenologia. Conclui-se que o Auto do divino é uma das espetacularidade que acontece no interior da festividade que tem como objetivo propagar a história e origem de Moju, quer seja por meio do achado da pombinha e/ou da festividade dedicado ao santo da cidade, resgatando e preservando as histórias que atravessam o município, suas origens e cultura, além de propagar a fé católica, tudo isso por meio das manifestações espetaculares presente no teatro e nas formas artísticas que se apresentam neste dia.

Palavras-chave: Auto do Divino; Espetacularidade; Divino Espírito Santo; Moju.

ABSTRACT

The festival of the Holy Spirit in Moju/Pa is a tradition that has existed for over 268 years, a commemoration that dates back to colonial times. Like many other manifestations of Catholicism, the feast of the Divine is crossed by cultural manifestations and spectacular events. The Movimento do Mastro as well as the Auto do Divino, two moments within the festivities to the Saint are the moments that most attract the faithful, but it is punctuated by saying that this investigation has the General Objective to analyze the Auto do Divino of the municipality of Moju as a spectacular phenomenon in the festivity. Thus, this study is based on Miguel Santa Brígida (2015); Alexandra Gouveia (2010), Vera Jurkevics (2005), Valeria Salles (2007), Válber Salles (2015) that explain the spectacularity present in the festivity of the Holy Spirit. Therefore, the methodology used is qualitative research linked to ethnocenology. It is concluded that the Auto do divino is one of the spectacular events that takes place within the festivity that aims to propagate the history and origin of Moju, whether through the finding of the dove or the festivity dedicated to the saint of the city, rescuing and preserving the stories that cross the city, its origins and culture, in addition to propagating the Catholic faith, all this through the spectacular manifestations present in the theater and in the artistic forms that are presented on this day.

KEY-WORDS: Self of the Divine; Spectacularity; Divine Holy Spirit; Moju.

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 01: O MENINO E SUAS BRINCADEIRAS-----	15
IMAGEM 02: O MENINO E OS GRELOS-----	17
IMAGEM 03: O MENINO DO QUINTAL-----	18
IMAGEM 04: FOLDER AUTO DO DIVINO 2017 -----	33
IMAGEM 05: COMISSÃO DE FRENTE – FOLIA DO DIVINO -----	34
IMAGEM 06: MESTRE SALA E PORTA BANDEIRA-----	35
IMAGEM 07: GRUPO CAPOEIRA MUZENZA -----	36
IMAGEM 08: BOI BUMBÁ CAPRICHOSO -----	37
IMAGEM 09: GRUPO TEATRAL ARTE SHOW – LENDAS E VISAGENS-----	38
IMAGEM 10: ALUNOS DA ESCOLA OTON – ENCONTRO DAS COBRAS -----	39
IMAGEM 11: LEVANTAMENTO DA COROA COM BALÕES-----	40
IMAGEM 12: VISITAS ÀS CASAS DOS CATÓLICOS MOJUENSES-----	42
IMAGEM 13: CÍRIO TERRESTRE-----	43
IMAGEM 14: A FÉ EM MOVIMENTO – PROCISSÃO-----	44
IMAGEM 15: CASA ENFEITADA – HOMENAGEM AO PADROEIRO -----	45
IMAGEM 16: A ESCOLHA DA ÁRVORE-----	46
IMAGEM 17: A RETIRADA DA ÁRVORE-----	47
IMAGEM 18: FOLIÕES EM FESTA – O MASTRO CHEGOU! -----	48
IMAGEM 19: ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO MASTRO -----	49
IMAGEM 20: ENFEITANDO O MASTRO -----	50
IMAGEM 21: LEVANTAMENTO DO MASTRO -----	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 LEMBRANÇAS DO CÍRIO: O MENINO NA FESTA	14
3 MOJU RIO DAS COBRAS: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO	21
4 ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: A FESTIVIDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM MOJU	25
5 O AUTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO	26
6 O AUTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: O PESQUISADOR NA FESTA	30
7 NO ABRE ALAS: ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO AUTO DO DIVINO	32
8 FESTIVIDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM MOJU	41
9 A ESPETACULARIDADE NAS PROCISSÕES DO DIVINO	43
10 A ESPETACULARIDADE NA RETIRADA DO MASTRO	46
11 LEVANTAÇÃO DO MASTRO	49
12 CONCLUSÃO	53
REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

A festividade do Divino Espírito Santo em Moju/Pa é uma tradição existente há mais de 268 anos, comemoração que remonta os tempos coloniais. Festejo mais aguardado pelos fiéis católicos, a solenidade inicia no final do mês de maio a início de junho com duração de uma semana.

Assim como muitas outras manifestações do catolicismo, a festa do Divino como carinhosamente os fiéis a chamam, é atravessada por manifestações culturais e eventos de cunho espetacular. A celebração é transpassada por quatro procissões a saber: o Círio Rodoviário, o Círio Terrestre, o Círio das Crianças e o Círio Fluvial. Outras manifestações culturais encontradas dentro da festividade do Divino Espírito Santo é o levantamento e derrubada do mastro. A árvore utilizada na festança é retirada da mata um mês antes do início da comemoração. Além, do Auto do Divino, as noites de bingos e leilões, concurso de princesa e rainha da festa.

Pelo exposto, se percebe como manifestações espetaculares o Movimento do Mastro como também o Auto do Divino, estes dois momentos dentro dos festejos ao Divino Espírito Santo são os que mais atraem os fiéis, oportunidade no qual centenas de pessoas se encontram para dançar, cantar, pular e se divertir, vestidos com suas camisas vermelhas e carregando bandeiras com símbolo do padroeiro ao som de banda de fanfarra, que toca desde marchinhas de carnaval até músicas juninas.

Moju é um município do nordeste paraense de bioma amazônico, com uma população de 84.251 habitantes e área territorial 9.044.139 Km, sua gente é chamada de mojuense. A festividade do Divino em Moju, no passar de cada ano, acrescenta ocorrências em sua programação, além dos eventos e manifestações que já existem há mais de 268 anos, como os círios e procissões. O levantamento do mastro e o Auto do divino são uns dos eventos que ganharam destaque na programação da festividade.

O Auto do Divino de Moju é o fenômeno de pesquisa no qual me inspirei para a escrita deste trabalho, ele é um dos momentos mais animados e esperados pelos fiéis e simpatizantes estando no antepenúltimo dia da festa. Em 2013, participei do Auto do Divino junto com os alunos do Centro Educacional Oton Gomes de Lima, onde a professora da escola e eu ficamos responsáveis por uma das alas representada pela escola.

Neste momento percebi que o comportamento dos mojuenses e os corpos se alteravam para participarem do Auto do Divino e do Movimento do Mastro, e na ocasião me perguntei: como o auto do divino contribui na mudança de comportamentos corporal

dos foliões? E, de que maneira o auto do divino auxilia no processo de formação da identidade mojuense?

E a partir daí, em 2016, passei a registrar em forma de imagens e vídeos, alguns dos principais eventos da festividade do Divino Espírito Santo de Moju, como também passei a observar com o olhar de pesquisador, o comportamento e os “corpos alterados” dos devotos e demais participantes que atuavam no Auto do Divino e no Movimento do Mastro.

Entre as minhas constatações me deparei com uma maneira diferenciada no vestir, no dançar, no cantar, nos acessórios usados por eles além do estilo de festejar. Raymundo Maués (2011, p. 08) expõe que nas festas religiosas “O ‘sagrado’ e o ‘profano’, se bem que separados na mentalidade popular, não estão em oposição, durante a festa religiosa, mas são complementares, embora entre eles possa haver uma hierarquia que valorize o primeiro”, situação encontrada no Auto do divino mojuense, a mistura do religioso e do profano entrelaçado no artístico, reuni os artistas do município de diversas linguagens artísticas: teatro, dança, música, arte circense, performance.

Outros convidados deste momento é a comunidade escolar, assim como outros simpatizantes que queiram trazer para o Auto do Divino sua arte, mostrando através de sua maquiagem, de suas roupas e fantasias coloridas e até mesmo usando a camisa de cor vermelha em alusão a bandeira do Divino, mostrando sua alegria e seu amor pela arte.

Moju é uma cidade dinâmica, que cria e recria sua realidade. Assim, esta pesquisa ancora-se em Miguel Santa Brígida (2015); Alexandra Gouveia (2010), Vera Jurkevics (2005), Valeria Salles (2007), Válber Salles (2015).

Pelo exposto, está inquirição tem como Objetivo Geral: Analisar o Auto do Divino do município de Moju enquanto fenômeno espetacular na festividade. Trajeto possível apenas pela delimitação dos Objetivos Específicos: Catalogar narrativas e imagens sobre a festa que retratam o auto do divino; Descrever como o Auto do Divino ocorre dentro da festividade; criar uma dramaturgia sobre a Festa do Divino Espírito Santo para que seja apresentada dentro da programação cultural do auto do Divino.

Trilhar os caminhos da pesquisa é perfazer a pesquisa qualitativa e sua respectiva definição “conjunto de metodologias, envolvendo, eventualmente, diversas referências epistemológicas. [...] faz referências mais a seus fundamentos metodológicos do que propriamente a especificidades metodológicas” (SEVERINO, 2018, p. 125), atrelada a etnocenologia conceituada por Santa Brígida (2015, p. 15) como valorização do “corpo e

suas identificações. Ideologicamente está construída com base na alteridade, contrapondo-se a noções etnocêntricas e a noção estática de identidade”.

Arelou-se a pesquisa qualitativa a observação participante que segundo Marconi e Lakatos (2021, p. 211) conceitua como “participação real do pesquisador na comunidade ou grupo”. Como ferramenta de pesquisa, a entrevista semiestruturada definida como “entrevistador tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada” (MARCONI; LAKATOS, 2021, p. 214).

Já o *corpus* de análise resultou da catalogação de 18 imagens da festividade do Divino Espírito Santos, retirados no ato da festa pelo promitente da pesquisa e colaboradores, como também duas entrevistas orais. Deste modo, a inquirição está organizada a saber: Lembranças do círio: o menino na festa; Moju rio das cobras: breve contexto histórico; Entre o sagrado e o profano: a festividade do divino espírito santo em Moju; No Auto do Divino Espírito Santo: o pesquisador na festa; No abrir das alas: organização e apresentação do Auto do Divino; Festividade do Divino Espírito Santo em Moju-Pa; A espetacularidade nas procissões do Divino; A espetacularidade na retirada do Mastro; Conclusão e Referências.

2 LEMBRANÇAS DO CÍRIO: O MENINO NA FESTA

Meu nome é Ronilson Brito da Silva, filho de Sebastião Barata da Silva e Ormandina de Brito Alves, criado por três famílias, todas meus parentes. Nasci em Ananindeua no estado do Pará no dia 20 de janeiro de 1989 e, as únicas lembranças que tenho dessa época é a do meu pai brincando comigo ainda criança, perguntando se eu queria gogó¹ e quando nos levava para tomar banho de rio.

Meu pai conta que quando criança, passei muito mal e chorava muito, foi então que decidiu me levar a um benzedor que entre rezas e canções me benzeu e disse que eu estava com quebranto e, quem teria posto seria uma mulher que ria muito de mim. Meu pai logo suspeitou que fosse a minha madrinha, pois ela era a única mulher que ria muito ao brincar comigo. Entre pulos e brincadeiras, subindo e descendo as árvores de goiabeira, os anos se passaram, e logo depois mudamos para o município de Moju/Pa.

Entre as lembranças que tenho da época, evoco uma memória de minha mãe se embriagando. Ela bebia muito e também sofria com crises epiléticas. Por conta do uso de álcool ela andava a cidade toda de bar em bar e, ainda levava meus irmãos e eu quando não nos deixava nas casas dos vizinhos.

Meu pai não sabia o que acontecia em casa. Ele trabalhava em Belém como servente numa firma chamada Engesso vindo em casa de quinzena em quinzena em ocasião de trazer o dinheiro para as despesas do mês. Como minha mãe, ele também bebia, mas nunca incomodou ninguém por causa disso. Por estar separada de minha mãe, ele morava com uma irmã em Belém.

Em Moju morávamos numa casa simples feita de madeira. Pôr a familiar de meu pai não ter uma boa relação com minha mãe, isto por causa da bebida e do abandono que sofríamos, minhas tias viviam brigando com ela, certa vez para defender minha mãe, bati nas costas de uma das minhas tias com um talo de açazeiro, ação que minha tia nunca esqueceu e vivia falando pelos cantos que “eu ia pagar” o fato ocorrido. Entre minhas lembranças de infância, lembro que certo dia minha mãe saiu para fazer caieira² numa serraria que fica em frente de casa, neste dia minha mãe caiu numa caieira e se queimou, pela má relação que ela tinha com os parentes do meu pai, eles não a ajudaram e foi preciso que meu pai viesse de Belém para arrumar um carro e levá-la para o hospital.

¹ Gogo: Jeito infantil que meu pai usava ao se referir ao mingau.

² Forno feito num buraco no chão no qual se queima pedaços de madeira empilhados. A caieira é coberta com terra ou serragem. Da caieira se tira o carvão.

Em consequência de muitas brigas com os familiares do meu pai, minha mãe decidiu ir embora comigo e meus irmãos para Ananindeua-PA, voltando a morar com minha avó materna. Das lembranças que tenho da época, recordo de sair com minha prima chamada Fernanda para comprar farinha e na volta pegamos um atalho, tivemos que passar por dentro de um alagado cheio de girinos.

Certa vez minha mãe chegou tarde da noite com a gente, então minha vó ligou para a casa do meu tio chamado Moacir, dizendo que minha mãe iria entregar meus irmãos e eu para outras famílias. meu pai ao saber convidou meu primo para ir nos buscar, meu pai nos trouxe de volta ao Moju nos distribuiu entre seus familiares, cada filho ficou com um parente. Em meu retorno a Moju, lembro da minha mãe chorando no portão, uma imagem que ficou gravada para sempre na minha memória, e estas lembranças arrebatam os meus mais profundos sentimentos.

Morei com a tia Graciete até completar seis anos, e logo depois com a tia Maria, que já cuidava da minha irmã. Residir com ela dos meus sete aos nove anos. Frequentei a escolinha do bairro, que até a fundação da escola funcionava como asilo, no trajeto da escola era acompanhado por minha prima Mariana. Mais crescidinho entrando na pré-adolescência comecei a sair para brincar nos arredores de casa com outras crianças, indo principalmente, na casa da tia Socorro, pois, na rua em que ela morava tinha muitas crianças. Entre as brincadeiras dessa época estava a queimada, mata no meio, pira garrafa, de subir nas árvores e o tacobol³.

³ Tacobol: É um jogo semelhante ao baseball americano, com quatro jogadores, dois em cada ponta do campo, duas latas e duas ripas, onde o jogador adversário arremessa a bola para derrubar a lata do outro, e os outros com as ripas em mãos devem rebater a bola. Quando a bola é arremessada para longe, os dois rebatedores correm de um campo para o outro batendo os tacos um no outro, fazendo uma contagem de dezena a dezena até chegar em cem, antes que o adversário volte com a bola. Se os lançadores derrubarem as latas, este torna-se os rebatedores e os rebatedores torna-se arremessadores, ganha quem chega em cem.

Imagem 01 - O menino e suas brincadeiras

Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Como toda criança, eu imaginava mundo e seres encantados e assim transitava entre o real e o irreal, por não ter brinquedos eu os fazia com os frutos do najá que pareciam peixinhos e golfinhos, com os grelos do ingazeiro que pareciam pássaros, com a flor do maracujá que pareciam homenzinhos. E assim, fui alimentando minha imaginação, que como explicita Loureiro (1995, p. 134) é atravessado por um:

Olhar que não estar diretamente relacionado com o olho. Mas, com o sentido de perceber, de compreender, de abrir os sentidos. Ao mesmo tempo revela que além do olhar a vários olhares. Há o olhar físico e o olhar da intuição. O olhar da intuição descobre o que estar imanente nas coisas.

Olhar que me atravessou num momento de carência e de afetividade e me fez transformar grelos e folhas em lindos brinquedos que afagava a alma. Um olhar atravessado pelo sensível das coisas.

Imagem 02 - O menino e os grelos

Fonte: arquivo pessoal do pesquisador

Em meu trajeto escolar, estudei o ensino Fundamental na escola Lauro Sodré, percurso realizado entre o turno da manhã e o turno de intermediário. Momento também que comecei a frequentar as aulas do Projeto Crescer (ou Pet) para jovens e adolescentes, e que tinha como objetivo tirar as crianças das ruas oferecendo atividades de teatro, esportes, dança, artesanatos, reforço escolar etc. O projeto foi o meu primeiro encontro com o teatro. Porém, minha passagem pelo Projeto Crescer foi um tanto conturbada, um lugar que deveria ser de acolhidas se tornou um lugar de maus tratos.

Na adolescência frequentei a Escola Ernestina Pereira Maia, única escola de ensino Médio do município. Por ser calado eu nunca tive amigos na escola e nem fora dela, e sendo assim passava a maior parte do tempo sozinho, eu gostava de estar sozinho e só brincava pelos quintais no terreno da serraria próximo de casa, ficando por lá o dia

inteiro brincando com os pedaços de madeira, galhos de árvores e outras grelos de plantas que eu achava nesses lugares.

Imagem 03 - O menino do quintal



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador, 2020.

Entre os prazeres da adolescência estava os banhos nos rios de Moju, ação que se dava escondida dos pais os responsáveis, e sempre reunia uma grande quantidade de crianças e adolescentes de minha ou de ruas próximas a minha casa. Para que não chegássemos molhados em casa, e para que nossos pais não desconfiarem, ficávamos nus e esperávamos as roupas secarem em cima do zinco do barco, sendo assim, colocávamos as roupas no toldo dos barcos ao sol quente, embarcações que ficavam abandonado na beira do rio.

Entre os afazeres da adolescência o que mais me lembro é de apanhar açaí. Nunca gostei, mas era obrigado. Apesar de passar por muita coisa, sempre me senti rejeitado. Entretanto, fui ganhando a confiança de alguns colegas até que formamos um grupo com

três amigos. Entre as atividades desenvolvidas no grupo o desenho era o que mais nos chamava atenção, momento que me dediquei a aprender a desenhar para poder fazer meus próprios desenhos, então sem saber nada comecei a praticar em casa. Eu olhava para as figurinhas e tentava reproduzi-las, e praticando todos os dias, eu melhorava meus traços, e após algum tempo aprendi a arte dos traços e das linhas e, desenhava tudo o que via.

Aprender a desenhar foi o máximo para mim, e isso também me favoreceu na escola. Nas aulas de arte eu não tinha dificuldade quando se tratava de desenhar. Por causa disso, comecei a ser disputado pelos grupos de trabalho na classe escolar e conhecido na escola como um todo. Mas este momento de interação só acontecia nas disciplinas de artes, nas outras que não precisavam de desenhos, eu voltava a ser o garoto anônimo.

Uma época de minha adolescência que merece destaque é o ano de 2006, período em a escola recebeu um convite para participar da montagem do auto de natal tendo como palco a frente da prefeitura municipal e a igreja matriz do município. Assim como meus colegas, participei da apresentação e após o término do espetáculo, recebi o convite para fazer parte do grupo de teatro Uirapuru⁴, que trabalhava mais com comédia e esquetes cômicas.

No ano seguinte, em 2007, participei novamente do Auto de natal, participação que me levou a conhecer o Centur e a noite das pastorinhas como também nos apresentarmos no teatro Waldemar Henrique, tendo como final uma apresentação em Moju. Desde então, o teatro fez e faz parte da minha vida e percebi que o palco era meu lugar e encenar meu destino.

Como ator fiquei conhecido na cidade de Moju momento que recebi um convite para ministrar aulas de teatro no Centro Educacional Oton Gomes de Lima⁵ e lá fiquei até 2015. Durante esse período, criei juntos com os alunos um grupo chamado “Grupo Teatral Arte Show”, onde se trabalhava encenação de esquetes, peças com histórias regionais, comédia, chegando a ser trabalhado algumas obras famosas com “Pluft o fantasma” de Maria Clara Machado e “Paca, Tatu, Cutia não!” de Antônio Juraci Siqueira.

Apesar de já trabalhar com teatro, por muito tempo tentei o vestibular para área durante 3 anos, conseguindo entrar na quarta tentativa em 2016. Por minha família ser

⁴ Grupo de teatro formado por atores Mojuenses, atuantes na área da comédia com encenações de histórias regionais.

⁵ A instituição pública de educação básica CMEBI PREFEITO OTON GOMES DE LIMA fica no bairro de Aviação, em Moju -Pa, e oferece aulas de Ensino Fundamental II.

católica, sempre acompanhei minhas tias e minha avó nas missas e procissões, como da festividade do Divino Espírito Santo, a manifestação mais esperada pelos devotos. Na minha infância, no mês de maio era acordado ao som dos tambores da folia do Divino, batidas que anunciavam o início da festa.

Durante a semana da festa, vestia a camisa do padroeiro para ir a procissão, e quando chegava, corria para o barracão do mastro com meu tio e primos, para irmos atrás de frutas e folhas para enfeitar o mastro, e ficava ali acompanhando de perto todo o processo da preparação do mastro. Com a chegada da tardinha todos se arrumavam para ir ver o levantamento do mastro, as pessoas vinham de todos os bairros para apreciar o momento.

E conforme fui crescendo percebia que algumas manifestações da festa permaneciam iguais e outras novas foram surgindo, como Auto do Divino que desde 2008 acontece no antepenúltimo dia da festividade, momento em que os artistas se juntam num grande cortejo de caráter religioso e profano, mas sem deixar de ser um grande evento de festa e fé.

3 MOJU RIO DAS COBRAS: BREVE CONTEXTO HISTÓRICO

O município de Moju carrega o mesmo nome do rio que banha a frente da cidade e este é um nome indígena que em Tupi significa rio das cobras. De águas escuras, o nome forte alude ao imaginário mojuense. O rio que circunda a cidade é povoado desde o período colonial. Percorrido por exploradores, que vieram atrás das “drogas do sertão”, muitos deles se radicaram às suas margens formando pequenos núcleos populacionais.

A sede do município de Moju está situada na margem direita do rio do mesmo nome, abaixo da saída do canal de Igarapé- Mirim, em terrenos doados por Antônio Dornelles de Souza à Irmandade do Divino Espírito Santo, em julho de 1754. Quando o Bispo D. Frei de Bulhões, em visita a pastoral hospedou-se no sítio desse cidadão, correspondendo aos desejos do povo, criou a freguesia sob a invocação do orago da Irmandade existente.

Segundo Válber Salles (2015) em julho de 1754 o então bispo do Pará, D. Frei Miguel de Bulhões em visita pastoral percorreu várias regiões do Pará. Em uma dessas visitas se alojou no Sítio de Antônio Dornelles de Souza, senhor de escravos e latifundiário, que após encontrar uma pombinha em ouro às margens do rio Moju mandando confeccionar uma coroa e, após esse episódio doa uma sesmaria para o orago católico sendo erguida ali, uma freguesia nas terras do divino espírito santo.

Acontece que, após ter-se erigido a freguesia, o povoado decaiu consideravelmente, recebendo o status de povoado. E essa decadência fez com que, além de esquecimento quase que completo dos poderes públicos, houvesse também o esquecimento das autoridades religiosas. Em 1839, com a lei nº. 14, de 9 de setembro, obteve a atual sede municipal a categoria de freguesia novamente, com toda a jurisdição dos rios Acará e Moju. E, segundo Lopes e Maciel (2021, p. 86):

Em 28 de agosto de 1856, a freguesia da Irmandade do Divino Espírito Santo é elevada à Vila, recebendo a denominação de Moju, pela Lei Provincial n.º 279, de 28/08/1856, ano em que o município de Moju é criado. Como em 1856 não ocorreu a instalação de sua sede, em 20 de agosto de 1864, a Assembleia Legislativa Provincial, por meio da Lei n.º. 441, aprovou que o município retornasse à categoria de freguesia, incorporado ao município de Belém.

Entusiasmado com a criação do município, Agostinho José Durão ofereceu espontânea e gratuitamente uma casa de sobrado para o funcionário da Câmara. Utilizando esse oferecimento, o presidente da Província neste momento, o Tenente

Coronel Henrique Rohan, no mesmo ano (1856), determinou à Câmara Municipal de Belém que providenciasse a instalação do novo município.

Imediatamente foram dadas as precisas instruções para a solenidade, que não se efetuou por haver Agostinho Durão fugido a sua oferta, dizendo que não tinha sido bem explícito, por quanto só podia ceder à casa prometida por um ano, excluídos os baixos; nesse sentido oficiou à Câmara de Belém ao presidente da Província em 18 de maio de 1856.

Em vista da falta de cumprimento da palavra dada e da recusa de entrega da casa por parte de Durão, e, por não haver outro prédio que se prestasse para o funcionamento da Câmara, ficou adiada a instalação do município. E assim, Moju retorna à categoria de Vila por meio da Lei Provincial de nº. 441, de 20 de agosto 1864, incorporada ao município de Belém.

E segundo Lopes e Maciel (2021), “seis anos mais tarde, em 6 de outubro de 1870, uma nova Lei da Assembleia Provincial, elevou Moju à categoria de Vila com a mesma denominação. E em 5 de agosto de 1871, ocorreu sua instalação municipal” (LOPES; MACIEL, 2021, p. 86).

Cabe ressaltar, que a instalação teve a participação e juramento dos vereadores eleitos, sendo empossado pelo padre Félix Vicente de Leão e seu secretário Cônego Ismael de Sena Ribeiro Neri, comissão vinda da capital Belém.

E assim, com o Decreto nº296, de 9 de abril de 1904, o município de Moju passou a constituir o 1º Distrito Judiciário da Comarca de Igarapé-Mirim, sendo, depois, pela Lei nº 1.1136, de 27 de outubro de 1910, incorporado ao distrito judiciário da capital, lei essa cumprida com Decreto nº 1.796, de 17 de maio de 1911.

Nos quadros de divisão territorial datados de 31 de dezembro de 1936 a 31 de dezembro de 1937, o município aparece integrado por 3 distritos: Moju (sede), Cairari (Alto Moju) e Baixo Moju. O município de Moju teve parte do seu território desmembrado, “Em 1991, o município teve parte de seu território desmembrado para a fundação dos municípios de Goianésia do Pará e Breu Branco”. O município também vivenciou a tentativa de desmembramento para a fundação do município de São Manoel de Jambuaçu, porém, conforme Lei nº 1.127, de 11 de março de 1955, a tentativa foi considerada inconstitucional pelo Supremo Tribunal Federal. O governo do Estado do Pará em Decreto nº 1.946, de janeiro de 1956 tornou insubsistente o desmembramento.

Em se tratando da atividade comercial, o professor Itamar de Aracati, professor de história em entrevista informou que: “até o meado da década de 1960, toda atividade comercial do município era realizada com a capital do estado, por meio do sistema fluvial, em embarcações de pequeno e médio porte” (ENTREVISTA, ITAMAR ARACATI, 2021). E continua dizendo o referido professor, “em 1965, com abertura da rodovia PA-252, ligando Moju ao Acará e Abaetetuba, sistema de comércio passa por meio rodofluvial. Em 2002, com o advento da Alça Viária, o comércio consolidou-se definitivamente via rodoviária” ((ENTREVISTA, ITAMAR ARACATI, 2021).

Hoje o município conta com um comércio em expansão, com diversos Supermercados de médio porte, lojas de várias atividades, além de serviços bancários com agências do Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Banpará e Bradesco, Correios, um (01) Hospital de baixa complexidade “Divino Espírito Santo”, um (01) centro ambulatorial, um (01) centro de referência da mulher - unidade básica de saúde localizado na sede do município, além de outras unidades na zona rural. E ressalta o professor Itamar Aracati (2021):

Há que se ressaltar que a economia local, além do Comércio e Serviços, está baseada na agricultura familiar, indústrias madeireiras e agroindústria, dos ramos de coco e óleo de Palmas. Ressalta-se também que na década de 1980, com a implantação desses Grandes Projetos, ocorreram conflitos fundiários entre pequenos proprietários ou posseiros com esses projetos. Prova disso foi um fato marcante em 1989, quando dezenas de posseiros (A TURMA DO JAMBUAÇU), invadiram a cidade todos armados de espingardas e terçados, cobrando Justiça pela morte de alguns companheiros assassinados pelos jagunços latifundiários. Ocupando a cidade, ateando fogo na delegacia de polícia TELEPARÁ (na época), invasão do fórum e outros locais estratégicos da cidade (ENTREVISTA, ITAMAR ARACATI, 2021)

É possível notar que o município passou por diferentes fases. Em se tratando de educação, Moju conta com três unidades de Ensino Médio, na cidade, além de 18 polos de sistema modular, dezenas de escolas do ensino fundamental, creches, campus da Universidade do Estado do Pará - UEPA e faculdades privadas. Quanto suas atividades culturais o município de Moju possui um potencial turístico fantástico, como o Rio Moju que:

nas suas cabeceiras apresentam Corredeira, o Rio Cairari localidade onde está situada a Aldeia da tribo Aypã Anabé, o Rio Ubá onde situa-se o Balneário Levi este próximo à cidade, com estruturas de restaurante malocas, pedalinhos, caiaque, palco, praça de alimentação e outros. No local são realizadas diversas atividades de esporte, lazer e shows com artistas locais e regionais, culminando com o Luau e desfile das coroas (senhoras idosas). O município também realiza

no mês de agosto a Feira Agro cultural, onde se apresentam diversas expressões culturais e artísticas. Outro ponto importante, é a realização da festividade do Divino Espírito Santo, padroeiro local, que inicia com o Círio terrestre, no domingo, no sábado seguinte ocorre o Círio Fluvial com dezenas de embarcações decoradas em homenagem ao padroeiro. Na sexta-feira, anterior ao Círio Fluvial, realizou-se o Auto do Divino, com a participação da comunidade e de diversas manifestações artístico-culturais. Moju apresenta uma rede Hoteleira cadastrada no Cadastur (ENTREVISTA, ITAMAR ARACATI, 2021)

4 ENTRE O SAGRADO E O PROFANO: A FESTIVIDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM MOJU

A festividade do Divino Espírito Santo em Moju é uma festa com mais de 100 anos de tradição. A festividade em honra ao Espírito Santo se entrelaça na história de fundação do município, conforme podemos observar:

conta a história popular que um dia, à tardinha, quando um senhor chamado Antônio Dornelles estava na ponte de sua fazenda quando avistou algo brilhar a margem do rio Moju, que chamou atenção e logo mandou um de seus escravos averiguar qual objeto produzia tal brilho. O escravo retirou então da lama um objeto dourado em forma de pomba, que logo foi identificado como a pomba do divino. Antônio Dornelles de posse da pomba do divino mandou confeccionar uma coroa de prata para colocar a pomba, e erigindo uma pequena capela que logo se tornou centro de animação da fé do povo mojuense. Na visita do bispo de Belém, Dom Miguel de Bulhões, Dornelles propôs ao bispo que daria suas terras ao Divino Espírito Santo se ali fosse erigida uma freguesia, proposta que muito agradou bispo que, então, ergueu a freguesia em junho de 1754 (LIMA JR, 2004, p. 27).

Com a criação da cidade, a festividade ao Divino Espírito Santo passou a acontecer todos os anos como forma de agradecimento, tornando-se uma das maiores festas do calendário no município. Entre tantos eventos e cerimônias que acontecem durante a celebração, há no primeiro domingo da festa, logo pela manhã, o círio terrestre, que utiliza como trajeto o percurso inverso da noite de sábado, vindo da zona rural (PA 150) até a sede da cidade, no qual o círio prossegue com as pessoas caminhando pelas ruas. Romeiros e suas promessas, crianças vestidas de anjos, a procissão segue até a Igreja matriz onde se encerra o momento com missa e, logo após a comunidade católica é convidada a participar do almoço no salão paroquial. E nesta tarde há o levantamento do mastro.

Na semana que segue a festividade, acontecem novenas e noites de arraiais. As novenas são dirigidas com apoio de várias comunidades existentes na cidade, tanto da zona urbana quanto da rural. Porém, cabe ressaltar, que um mês antes do início da festividade, são organizadas novelas nas casas das famílias tanto do interior quanto da cidade, com objetivo de anunciar o início da festa e levar a imagem do padroeiro nas casas mojuenses. Para tanto, a equipe paroquial conta com dezoito grupos de evangelização, que vão de casa em casa fazendo as celebrações. Também antes da semana da festa um grupo de senhoras realiza a “folia” nas madrugadas visitando as casas com a coroa ou com a bandeira do Divino recebendo donativos, como porcos, galinha, farinhas, bananas, dinheiros e outros tipos de doações que serão utilizados durante a festividade.

5 O AUTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

O Auto do Divino é uma manifestação espetacular cultural religiosa, que acontece na festa do padroeiro Divino Espírito Santo no município de Moju-PA e possui semelhanças com o Auto do círio de Belém-Pa, pois, de acordo com Miguel Santa Brígida (2008):

O cortejo dramático do Auto do Círio [...] criar um espetáculo em que os artistas de Belém pudessem homenagear a sua padroeira, durante a sua maior festa popular e, assim, reinterpretar através do teatro de rua, o Círio de Nazaré, uma das mais importantes manifestações religiosas e culturais do país (SANTA BRÍGIDA, 2008, p. 36).

Possuindo uma rica diversidade de práticas artísticas, étnicas e culturais, o projeto inicial foi idealizado e apresentado por Edson Raimundo da Cunha Chagas juntamente com apoio da prefeitura Municipal de Moju, da secretaria de cultura e da paróquia do Divino Espírito Santo, colocou o projeto Auto do Divino nas ruas mojuenses, pela primeira vez em 2008, durante a festividade do Divino Espírito Santo. Passando daí em diante a fazer parte da programação da festividade dos anos seguintes.

O Auto do Divino inspira-se na cultura popular e no colorido de suas raízes, festas, costumes, crenças e tradições de um povo como metáfora para a intolerância social, artística, religiosa, e fundamentalmente humana. Cultura que se mistura com o fazer fazendo de um povo, contemporâneo, do novo, do hoje, do aqui e agora num processo de resistência, pois como expõe Santa Brígida (2008):

o Auto do Círio [...] caracterizada pela desconstrução dos sistemas clássicos de narrativa [...] privilegia uma encenação proteiforme, com multiplicidade de processos de criação e uma diversidade de produtos artísticos apresentados, numa reunião de várias culturas no mesmo espaço e tempo, sem hierarquias e em existência simultânea em sua singular formatação espetacular (SANTA BRÍGIDA, 2008, p. 38).

Desta maneira, o Auto do Divino por meio de um espetáculo itinerante, mambembe e feito por artistas anônimos e atuantes, que no dia a dia, contam e recontam suas histórias, seus causos, o colorido do espetáculo e do imaginário popular.

A devoção ao Divino Espírito Santo, expressada pela fé de seu povo, estes entrelaçados e misturados, oriundos de diferentes etnias e agrupamentos sociais reuni neste dia de festa emoções artísticas musicais, teatrais, dançantes, e carnavalescas, da fé e da vida para formar o símbolo maior que é o espetáculo espetaculoso, desnudo, cênico e cínico do fazer artístico de um povo, nasce, revela, conquista e é popularmente cultural, religioso e profano “o sentimento

que esse grupo tem de um viver em comum, como porque mobiliza a união de todos em torno de uma expressão de crença e beleza – uma forma de aparência que tem papel fundamental no acontecimento” (LOUREIRO, 1995, p. 147).

Deste modo, todos os anos o Auto do Divino sai pelas ruas com um tema novo, o qual é feito a partir das lendas, dos mitos, do folclore, das histórias, do social e da cultura local. Sempre muito animado, com marchinhas, quadrilha e samba enredo, como se fosse uma escola de samba, na qual cada brincante veste a sua fantasia, e cada ala conta a sua história.

Participam do Auto do Divino, a folia do Divino, o grupo de boi caprichoso do senhor Germano, o grupo Pará folclórico Mexilhão do Icatu, o grupo de teatro Arte Show, e os grupos juninos Encanto Mojuense, Sedução Mojuense, e outros simpatizantes, além de algumas escolas do município. Grupos e momentos que Armindo Bião (2007) define ser objetos da etnocologia, conforme podemos observar:

Essas artes do espetáculo compreende o teatro, a dança, a ópera, o circo, a música cênica, o happening, a performance e o folguedo popular [...]. Seriam esses objetos aqueles criados, produzidos e pensados, pelas comunidades nas quais ocorrem, com atos explicitamente voltados para o gozo público e coletivo, enquanto atos concretos de realização reconhecível por todos como ‘arte’, em seu sentido o mais gratuito e simplificado, tendo como função precípua o divertimento, o prazer e a fruição estética (BIÃO, 2007, p. 26)

Espetacularidade de Corpos e movimentos encontrados no auto do divino no município de Moju, distribuídos nos grupos e brincantes que abrilhantam a noite do espetáculo com suas cores, alegorias, adereços e coreografias, tendo como objetivo final o frenesi e o entretenimento. Sendo assim, na festividade do divino Espírito Santo, o Auto do divino torna-se momento importante para os artistas mojuense, pois, é tempo de confraternização, de reunião e resgate da cultura local e dos artistas, ocasião de reunir todos em uma festa de fé entrelaçado ao mundano.

Cabe ressaltar, que o Auto do Divino além de aproximar os artistas locais, também agrega no espetáculo pessoas e instituições que com sua arte embelezam o evento. Assim, os grupos escolares participam e fazem parte desse corpo de fazedores de arte e cultura, se inserindo e incentivando os jovens a arte, fortalecendo ainda mais o resgate cultural do local, no qual cada artista aluno inserido dentro do Auto do Divino, torna-se a alma e a voz da comunidade, representando o povo e também sendo representado por todos neste grande espetáculo da identidade cultural mojuense.

É certo que não se pode considerar o Auto do Divino como um carnaval fora de época ou “folia, arrastão”, mas sim podemos considerar o que a etnocenologia propõe e garante ser a voz da comunidade e daqueles que querem dizer algo através da arte. E, neste sentido Miguel Santa Brígida (2015) nos diz que:

A Etnocenologia garante a voz da comunidade, tendo o cuidado de não nomear o que já é nomeado pelas pessoas que fazem o fenômeno, que são o próprio fenômeno. Nos estudos da Etnocenologia Amazônica a descrição etnográfica, por ela realizada, garante a inteireza pelo “[...] respeito à história, ao fazer, ao sentido, a visão de mundo do seu sujeito, aquele que detém o conhecimento e que é fonte do estudo do corpo, da cena [...]” (SANTA BRÍGIDA, 2015, p. 18).

Fenômeno cultural encontrado no auto do divino, história de um fazer e ser mojuense entrelaçado na cultura. Desta maneira, a organização do Auto do Divino é realizada pela equipe da secretaria de cultura do município. Assim, a equipe escolhe o tema a ser trabalhado um mês antes e, após isso, é feito o convite aos artistas, grupos artísticos e escolas, para participarem do evento. Estes, ao receberem o convite com o tema do auto, passam a trabalhar em suas criações artísticas que envolvem coreografias, confecção de figurinos, faixas, cartazes e acessórios cênicos.

Assim, o Auto do Divino acontece sempre no antepenúltimo dia da festa, quase sempre em uma sexta-feira. Neste dia todos os artistas, grupos culturais, alunos e representantes de escolas e simpatizantes se concentram a partir das 18 horas, em frente ao Centro Cultural de Moju. Os participantes, postos e montados com suas fantasias, acessórios e alegorias, formam alas parecidas com as escolas de samba, para assim saírem em cortejo pelas ruas da cidade.

Em seu primeiro ano de apresentação, isso no ano de 2008, o Auto do Divino teve como trajeto as ruas a saber: Marechal Castelo Branco, Rua Militão Geremias dos Santos, AV. das Palmeiras, Lauro Sodré, fazendo a apoteose em frente à igreja do Divino Espírito Santo. Assim como no Auto do Círio de Belém, o Auto do Divino em Moju, tem suas estações e paradas para que sejam apresentadas ao público as produções artísticas daqueles que se dedicaram e criaram seus trabalhos artísticos, entretendo a plateia e homenageando o padroeiro do município.

Outrossim, em 2013 após desinteresse do poder público municipal, o Auto do Divino retorna após quatro (04) anos parado. Cabe evidenciar, que o trajeto desenvolvido no primeiro ano fora modificado tendo como rota o cortejo a saber: rua Marechal Castelo Branco em seu sentido contrário (em descida) seguindo pela Rua 31 de Março, AV. das Palmeiras, Rua Lauro Sodré até chegar à praça matriz em frente à igreja. Essa mudança

permitiu que o cortejo do Auto acontecesse um pouco mais tarde, tendo uma chegada mais rápida, dando a oportunidade de todos participarem e apreciassem a apoteose, inclusive os fiéis que estavam na missa.

A partir deste mesmo ano, foram inseridas as alegorias no cortejo do Auto, e essas alegorias eram confeccionadas pela equipe da secretaria de cultura. As alegorias eram grandes carros feitos com estruturas de madeira que eram empurradas por pessoas, e em cima desses carros, construía-se uma grande coroa com vigas de arame, representando a coroa do Divino Espírito Santo, esta era pintada de prata e ornamentada com papel laminados e jogos de luzes. Alguns desses carros também levam pessoas, representando personagens das lendas e do folclore, ou mesmo, homenageando alguma personalidade do município.

Em se tratando da economia local, a festividade do Divino Espírito Santo e nele o Auto do Divino influencia não somente a fé, a cultura como também estimula a economia local, pois durante a semana da festividade, o movimento no comércio e nas lojas cresce bastante, gerando oportunidade de empregos sendo eles diretos e indiretos, além de atrair turistas vindos de outras cidades para prestigiar a festividade do Divino, e que ao término da festividade levam consigo lembrancinha e/ou produtos que circulam no município, fazendo assim a economia crescer durante a festividade.

Deste modo, a pesquisa sobre o Auto do Divino de Moju/Pa busca evidenciar o comportamento humano presente no auto. Assim, por meio da observação, dos registros e dos estudos da etnocologia pude compreender o comportamento corporal das pessoas que participam do Auto do Divino. Não é difícil observar e falar sobre o comportamento dos participantes do Auto do Divino de Moju. Pradier nos diz que esses comportamentos são “uma forma de ser, de se comportar, de se movimentar, de agir no espaço, de se emocionar, de falar, de cantar e de se enfeitar. Uma forma distinta das ações banais do cotidiano” (PRADIER apud DUMAS, 2010, p. 02).

Seria pois em suas práticas uma das coisas organizadas, os espetáculos e suas formações, como suas alas formadas pelos artistas, grupos culturais e escolas do município, durante o cortejo pelas ruas, cada artista, grupo e outros simpatizantes dançam, cantam, se vestem e se expressam da sua maneira, pratica essa observada entre os participantes do Auto do Divino, ou seja, não uma maneira ou jeito certo de dançar ou cantar, é a Espetacularidade do Auto do Divino, na espontaneidade daquele que participa.

6 NO AUTO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO: O PESQUISADOR NA FESTA

Como artista pesquisador participante do Auto do Divino, descrevo a experiência que tive no ano de 2013, quando trabalhei como professor de teatro no Centro Educacional Oton Gomes de Lima, onde a professora de artes visuais e sua turma de alunos, confeccionaram uma grande cobra feita com peneiros e enfeitada com retalhos de panos, pendurados nas laterais da cobra com as cores do padroeiro.

Após a confecção da cobra, a professora me convidou para ajudá-la na criação de uma coreografia para dar movimentação a cobra, isso de acordo com o mito de nascimento e briga das duas cobras encantados do rio Moju, Norato e sua irmã Maria. Assim, criei uma coreografia com movimentos que representavam uma luta, partindo de giros, zig-zag, mergulhos com movimentos para cima e para baixo, balanços para direita e para a esquerda.

Como ator pesquisador participante da festa e, durante participa de algumas edições do Auto, passei a perceber a grandiosidade e a espetacularidade que é o Auto do Divino, o colorido das alas no meio da rua, diferentes tipos de figurinos, os corpos cheios de euforia, a expressão de alegria nos rostos, tudo isso num único momento. Ao perceber a beleza dessa manifestação, me veio à cabeça a ideia de fazer um documentário sobre a festividade do Divino Espírito Santo de Moju.

Sendo assim, decidi registrar de fora da espetacularidade alguns momentos da festividade do Divino, mas principalmente o Auto do Divino, que foi o tema escolhido para esse trabalho de conclusão de curso. Porém, em uma das aulas do professor Miguel Santa Brígida, ele me disse que para que eu pudesse escrever sobre a sensação de participar do Auto, eu teria que estar dentro, participando do cortejo, para poder ter a experiência de estar ali, de sentir a energia que atravessa o corpo, e a emoção do momento, ação justificada pelo uso do termo “artista pesquisador participante”. Miguel Santa Brígida (2015) assim, expõe:

que a Etnocenologia é formada por: ETNO, o sentido de diversidade cultural, CENO está para além do corpo biológico e vai para o espaço espetacular em que se estrutura, com seus participantes em uma relação com a cena e LOGIA, relação de aprendizagem no ambiente dos praticantes (SANTA BRÍGIDA, 2015, p. 16).

Assim, Santa Brígida (2015) no artigo “*a etnocenologia na Amazônia: trajetórias-projetos-objetos-afetos*” utiliza o referido termo, este encontrado também na dissertação “*Lagrima e cachaça - a espetacularidade do cortejo fúnebre do frete em São João do Abade, Curuçá-PA*”. O termo também é abordado por Valéria Fernanda Souza Sales no

artigo “*Corpo-fretado, corpos-frete, equipe frete: corpos espetaculares do cortejo fúnebre do frete em Curuçá-Pa*, no qual fala de sua participação em seu trabalho de pesquisa.

7 NO ABRE ALAS: ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO AUTO DO DIVINO

O Auto do Divino e sua espetacularidade presente na festividade do Divino Espírito Santo em Moju, é um dos momentos mais esperados do festejo, conjuntura na qual o religioso e o profano se imbricam no momento de fé se transformando em alegria e festa através da arte. Assim, no entardecer, as ruas se enchem num mar de gente com seu ir e vir para assistir à passagem do Auto.

A cidade toda calorosa se enfeita para receber seus visitantes e moradores que com saudades retornam a casa. O momento é de festa, as pessoas se preparam, se arrumam e se vestem para aguardar o momento, nas primeiras toadas dos tambores o corpo reage ao som cálido da bandinha de fanfarra, batidas que anuncia que a apresentação do Auto do Divino vai começar.

Neste dia, o Auto do Divino se torna uma grande celebração, é uma forma de narrativa em movimento que passa aos nossos olhos, espécie de emoção que anda, desloca-se, caminha” (SANTA BRÍGIDA, 2008, p. 36). Brincadeiras de boi-bumbá, vira terreiro, vira aldeia, vira festa do folclore, vira carnaval, tudo junto, num só dia. Pode-se dizer que o auto é como se fosse uma escola de samba preste a se apresentar. Deste modo, tudo precisa estar organizado, dividido em alas, para que assim o cortejo siga.

Sendo assim, todos os anos há a escolha de um tema para que os artistas construam seus trabalhos em cima da temática, trabalhos esses que trazem em seu cerne os mitos, as lendas do folclore, as músicas, as histórias regionais e a cultura local. Suas criações artísticas envolvem coreografias, confecção de figurinos, faixas, cartazes e acessórios cênicos. Com muita animação, ao ritmo de músicas regionais, marchinhas de carnaval, quadrilha e samba enredo, o Auto aparece como se fosse uma escola de samba, onde cada brincante veste a sua fantasia e cada ala conta sua história.

Entre os convidados da festa, encontramos os grupos regionais locais como: a Folia do Divino, Grupo boi-bumbá Caprichoso coordenado pelo Mestre de cultura Germano Santos ou Geni como carinhosamente é conhecido, Grupo Pará folclórico Mexilhão do Icatu, Grupo de teatro Arte Show, e os grupos juninos, sendo eles Encanto Mojuense e Sedução Mojuense, como também outros simpatizantes, além da participação de algumas escolas do município.

A organização geral do Auto do Divino é feita pela equipe da Secretaria de Cultura do município de Moju - SECULT. O Auto do Divino acontece sempre no antepenúltimo

dia da festa, quase sempre em uma sexta-feira, nesse dia todos os artistas, grupos culturais, alunos e representantes de escolas e simpatizantes se concentram a partir das 18 horas, em frente ao Centro Cultural de Moju. Abaixo, podemos observar um folder de organização de percurso, dia e horário do cortejo.

Imagem 04 - Folder Auto do Divino 2017



Fonte: SECULT-MOJU, 2017

E assim, o Auto acontece. Todos os participantes, ornados com suas fantasias, acessórios e alegorias se agrupam formando alas para poder saírem em cortejo pelas ruas da cidade. Em 2008, o primeiro Auto do Divino teve como percurso as ruas a saber: Marechal Castelo Branco, Rua Militão Jeremias dos Santos, AV. das Palmeiras, Lauro Sodré, e fazendo a apoteose em frente à igreja do Divino Espírito Santo, todas as ruas citadas pertencentes ao Bairro Centro do município.

Assim como no Auto do Círio de Belém, o Auto do Divino em Moju, tem suas estações e paradas para as apresentações daqueles artistas que se dedicaram durante um mês para criarem seus trabalhos artísticos e apresentarem ao público, como forma de entreter e de homenagem ao padroeiro do município. Cabe evidenciar, que o Auto

apresenta a estrutura, organizada em alas no qual segue todo trajeto, ação que será observada na análise a seguir.

Imagem 05 -: Comissão de frente - Folia do Divino



Fonte: Alauanda Santos, 2018.

A comissão de frente do Auto do Divino traz as senhoras da Folia do Divino. Elas, vestidas com camisas vermelhas, chapéu de palha enfeitado com fitas nas cores vermelho e branco, carregam um andor com a imagem do padroeiro, simbolismo que representa a coroa do Divino, seguido das duas bandeiras vermelhas. As toadas trazidas por elas avisam que a festa vai começar: *“abre a janela meu bem, vem ver o dia que vem, deixa o sol entrar, e o vento falar que te quero bem”*. É chegada a hora, a cantiga sinaliza, a Folia do Divino representa a anunciação, o início de mais um ano de festividade, a fé e a devoção do povo mojuense ao Espírito Santo.

A comissão abre alas e seguida por um casal de mestre sala e porta-bandeira, estes representando os senhores e as senhoras português da época do achado da coroa, como também, as escolas de samba que entre os anos 1980 e 1990 desfilavam no município de Moju.

Imagem 06 - Mestre sala e Porta bandeira

Fonte: Iracema Maciel, 2018

Um carro alegórico acompanha o casal, feito em madeira, traz uma enorme coroa feita de vigas de arames, toda ornamentada com luzes. Este momento representa uma Moju antiga, dos tempos dos carnavais de rua e a rivalidade que acontecia entre o bairro da Pedreira e o bairro da Saudade. No ano de 2018 a porta bandeira carregava a bandeira da escola de samba belenense Bole Bole, escola que o mojuense Ventinho Martins coordenava. O glamour e o requinte acompanham o casal “é da colonização portuguesa que herdamos essa matriz lusitana nos aspectos formais e simbólicos” (SANTA BRÍGIDA, 2008, p. 42).

Entre os grupos culturais que acompanham o cortejo, se destaca O Grupo Muzenza Capoeira. De uniforme branco, o grupo ginga e balança trazendo entre o trajeto

movimentos da capoeira, “a capoeira, assim como o carnaval, o samba e o futebol fazem parte de um grupo de manifestações culturais da atualidade [...]representam de forma emblemática a identidade cultural do nosso país” (OLIVEIRA, 2019, p. 40).

Imagem 07 - Grupo de capoeira Muzenza



Fonte: Ronilson Brito, 2018.

Crianças e jovens participam deste momento, o grupo Muzenza contribui com a apresentação do Auto do Divino evidenciando as raízes negras do Brasil em especial, a raiz africana mojuense se configurando como grupo de resistência. Portando instrumentos como berimbau, pandeiro, o grupo traz suas cantigas, recordando um passado de perseguição no qual a capoeira e seus capoeiristas sofreram.

Seguido, vem o grupo de maculelê. Este traz seus brincantes vestindo grandes saias feitas de malva, os homens seguem sem camisas, as mulheres usando tops feitos de malva. O maculelê é uma luta africana que carrega em seu cerne uma história na qual um guerreiro africano, defendendo sua tribo de ataques inimigos usou como arma apenas pedaços de pau. Deste modo, segurando facões, pedaços de madeira e cuspidando fogo, os

brincantes executam uma luta dançada no cortejo abrilhantando o espetáculo e chamando a atenção dos espectadores.

O grupo boi-bumbá Caprichoso também vem brincar e homenagear o padroeiro. Seu mestre, Germano Santos ou seu Geni, traz a história do casal caboclo seu Chico e Catarina para o Auto do Divino.

Imagem 08 - Boi-bumbá Caprichoso



Fonte: Ronilson Brito, 2018

O boi-bumbá é muito esperado nas quadras juninas, e no Auto do Círio do Divino boi Caprichoso e seu mestre fazem parte da produção. Mestre Geni puxa os cantos, cantigas por ele criadas, presente apenas em sua memória, pois o mestre não as escreve, cabendo ao grupo decorá-las para animar os arraiais. Seu fiel escudeiro e possível herdeiro, Seu Doró, está sempre ao seu lado nos embale das canções. Os brincantes se arrumam, vestidos de calças azuis e camisas brancas, usam chapéus de palhas enfeitados com fitas de cetim azul e branco, as meninas apresentam-se vestidas de índias, entre eles encontramos os personagens da história, o padre, o fazendeiro, o pajé e os jagunços e no meio deles boi Caprichoso vem brincar.

Outra ala que chama a atenção é composta pelos grupos juninos, no qual participam dois dos maiores grupos juninos da cidade: Sedução Mojuense e Encanto Mojuense, onde os brincantes de ambas escolas, ostentam além da energia contagiante

perceptível no corpo ao executarem as suas coreografias, como também enchem os olhos com a beleza do colorido e do brilho de seus figurinos. Se evidencia, que mesmo ao som de um samba ou outra música qualquer, cada grupo faz o seu ritmo durante o percurso, cada um em sua animação. A cada instante, gritos de animação, fogos e tiros de confetes.

Outro grupo de grande relevância dentro do Auto do Divino é o grupo de Teatro Arte Show.

Imagem 09 - Grupo teatral Arte Show- Lendas e Visagens de Moju



Fonte: Ronilson Brito, 2019

O Grupo teatral Arte Show o qual estou à frente como diretor faz parte dessa espetacular manifestação de fé e arte, através do teatro emprestamos nossos corpos para dar vida a grandes personagens e personalidades da cultura mojuense. Assim, me junto aos atores do grupo para trazermos para as ruas mojuenses as histórias regionais, nossas lendas, mitos e visagens, como a Matinta Perera, o Boto, a Cobra Grande, a mãe d'água Iara, a Procissão de velas e outros.

O Auto do Divino como manifestação religiosa e artística, se torna um grande teatro a céu aberto por conta de sua diversidade, ação que podemos observar principalmente a partir da junção da arte com a educação. No Auto do Círio as escolas vêm brincar trazendo seus alunos para abrilhantar o momento. Jovens e adolescentes representam suas escolas quer seja por meio das danças regionais, africanas, por meio do teatro, em forma de poesia, quer seja homenageando as lendas e personalidades mojuenses.

Elas trazem para dentro do cortejo temas e críticas sociais voltados para a preservação do meio ambiente, da segurança, do respeito, valorização da paz, entre outros. O auto do Divino proporciona para a educação local e para esses alunos, conhecerem um pouco da história da origem do município e da festividade do Divino, pois esse é um assunto muito pouco trabalhado em sala.

Imagem 10 - Alunos da escola Oton Gomes de Lima- Encontro das Cobras



Fonte: Iracema Maciel, 2014

Para os educadores e historiadores envolver os alunos no processo de criação de coreografias, de peças teatrais garante o resgate e a valorização da história, da arte e da cultura local, assim, participando do Auto os alunos também podem sentir em seus corpos a sensação de encontro, as artes, a fé e o profano todos juntos numa só manifestação.

Atravessada por diversas linguagens artísticas, o Auto do Divino com sua espetacularidade, colorido, animação e música, segue até chegar a sua apoteose que acontece na praça matriz, em frente à prefeitura. Na chegada, acontecem apresentações dos grupos e artistas que durante o percurso do Auto não se apresentaram, e logo depois, o pároco da cidade é chamado para externar algumas palavras e fazer a cerimônia final. No ano de 2018, o pároco Renilson Macedo de Sousa, padre da paróquia do Divino Espírito Santo foi o responsável convidado a agradecer o espetáculo.

Ressalto que além de um grande administrador religioso, padre Renilson sempre incentivou e apoiou os trabalhos artísticos de um modo geral, principalmente aqueles que voltavam-se para a evangelização e para os jovens, se evidencia que entre os trabalhos realizados pelo grupo teatral Arte Show, o pároco sempre cedeu os espaços da paróquia para ensaios teatrais que envolvia tanto os jovens participantes da paróquia quanto os jovens das comunidade em geral.

Imagem 11 -: Levantamento da coroa com os balões



Fonte: Iracema Maciel, 2018.

Após as palavras finais, padre Renilson foi convidado a soltar a Coroa do Divino. De modo, foram amarrados vários balões numa coroa confeccionada em madeira, no qual o subir sinaliza o encerramento da manifestação do Auto do Divino. E assim, depois de amarrados os balões, o padre lançou a coroa aos céus que flutuou sobre a praça Jarbas Passarinho, sendo levada pelo vento até tornar-se um ponto tão minúsculo que sumiu na noite de maio. Esse procedimento foi inspirado no mesmo processo de encerramento do Auto do Círio em Belém, onde uma imagem do manto de nossa senhora foi carregada por balões. Dado por encerrado o Auto do Divino, todos se dirigiram para a frente de um palco que fora montado ao lado da igreja matriz, para prestigiar, cantar e dançar ao som das cantigas embaladas pelas senhoras da Folia do Divino e do grupo folclórico Flor do Rio Ubá.

8 FESTIVIDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM MOJU-PA

A festividade do divino Espírito Santo no município de Moju, acontece há mais de 268 anos, no entanto algumas pessoas, as mais antigas associam o início da festividade ao dia do achado da Pombinha do divino Espírito Santo. O coronel e dono das terras Antônio Dornelles após perceber que o objeto que brilhava no rio se tratava de uma pequena pombinha em ouro, imediatamente deduziu que era Pombinha do Espírito Santo, mandou que fizessem uma coroa de prata e pediu para que colocassem a pombinha em cima da coroa, e depois doou a imagem para a igreja no qual passou a ser usada nas procissões, manifestação religiosa que acontece todo os anos desde 1754.

Hoje, com 268 anos, a festividade do divino Espírito Santo cresceu muito e vem inovando a cada ano, muitas mudanças foram acontecendo tornando a festa do padroeiro cada vez mais bonita cultural e Espetacular. Assim, como artista- pesquisador participante cabe descrever a ordem como essas manifestações acontecem.

A Folia do Divino, grupo organizado por senhoras, com participação de jovens e até crianças, usam Chapéu de Palha com fitas vermelhas e brancas, uniformizadas com a camisa do padroeiro na cor vermelha com símbolo da coroa do divino. Ressalta-se ainda, que a Folia do Divino começa seus trabalhos um mês antes da festividade. Os componentes da Folia do Divino se reúnem todos os dias às 5 horas da manhã na praça do estudante em frente à escola Lauro Sodré. Antes de sair, o grupo faz um círculo dando as mãos para rezar a oração do Divino Espírito Santo. Oração disposta abaixo:

Vinde Espírito Santo

Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso Amor. Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Oremos: Ó Deus que instruíste os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos da sua consolação. Por Cristo Senhor Nosso. Amém.

Após a oração, a Folia do Divino segue pelas ruas levando a bandeira do divino Espírito Santo, durante o trajeto as senhoras da folia batem nas portas das pessoas para pedir doações e também para levar a bandeira até os fiéis, que as pegam para balançar dentro de suas cartas como forma de abençoar aquele lar.

Imagem 12 - Visitas às casas dos católicos mojuenses

Fonte: Bianca Ferreira, 2019

As visitas da Folia do Divino são feitas por bairro. Nas visitas às casas, as famílias agradecem como podem. Tem famílias que pedem para Folia passar em sua rua, com isso preparam um grande banquete para o café da manhã que é oferecido a todos os integrantes da folia, após o café. Conforme expõe Vera Irene Jurkevics (2005):

Os integrantes da Folia do Divino percorrem a região circunvizinha, conduzindo a bandeira, visitando as casas recolhendo donativos, em dinheiro, alimentos ou objetos para serem leiloados. Os músicos da folia, em versos musicados, pedem ao dono da casa que os deixem entrar e levar, até seus familiares, a Bandeira do Divino. Após o consentimento, a festa se inicia. A Bandeira é colocada ‘em altar’, é beijada, e as pessoas oram em conjunto, reforçando os laços de sociabilidade, num momento de confraternização espiritual. (JURKEVICS, 2005, p. 82).

A Folia do Divino continua suas visitas nas casas levando a bandeira e arrecadando as doações dos fiéis, doações essas que são feitas por meio de alimentos ou de uma quantia em dinheiro, mantimento usado na preparação dos alimentos e de sorteios durante a festa. Essas atividades de visita da bandeira e arrecadações de donativos, também podem ser vistas em outros lugares do Brasil.

9 A ESPETACULARIDADE NAS PROCISSÕES DO DIVINO

A festividade do divino Espírito Santo em Moju, se inicia sempre no final de maio a início de junho, tendo como o primeiro evento da festividade a moto romaria, bênçãos dos veículos e traslado das coroas do Divino até uma comunidade da zona rural, rodovia PA/ 150. Na manhã de domingo acontece o círio rodoviário ou círio terrestre como é conhecido pelos fiéis.

Imagem 13 - Círio Terrestre



Fonte: Bianca Ferreira, 2019

O círio rodoviário sai da comunidade rural em direção a cidade, seguido por centenas de fiéis em carros enfeitados com faixas e balões, ao som de um “buzinaço” ensurdecedor de centenas de motocicletas, dos ciclistas e seus apitos, e dos atletas que seguem correndo todo o percurso.

Durante o trajeto o padroeiro recebe inúmeras homenagens das comunidades ao longo da estrada. O Círio rodoviário segue rumo ao hospital municipal Divino Espírito Santo, onde é aguardado por centenas de fiéis e da banda de música Divino Espírito Santo.

Imagem 14 - A fé em movimento - procissão



Fonte: Ronilson Brito, 2022.

Ao chegar à frente do hospital Divino, o evento dá continuidade com o Círio terrestre, que segue pelas ruas da cidade em direção à igreja matriz Igreja Matriz. Durante o cortejo do círio pelas ruas da cidade, a cada momento a cada parada muitas homenagens com fogos, também são feitas em homenagem das Comunidades dos bairros por onde o Círio percorre.

Desta maneira, como artista-pesquisador participante, pude observar e compreender a espetacularidade e a grandiosidade que existe em cada um dos eventos dentro da Festividade e dos Círios. O Círio terrestre é um desses momentos de espetacularidade, no qual se imbrica a fé, a criatividade e a arte em cada homenagem que é feita.

As famílias se reúnem em frente de suas casas vestindo camisas vermelhas, ornamentam as mesas com a imagem do Divino Espírito Santo, as fachadas de casa enfeitadas em balões de cores vermelho e branco e faixa penduradas com várias mensagens de agradecimento. Também podemos ver corais de crianças das Comunidades que também homenageiam o Divino Espírito Santo cantando.

Imagem 15 - casas enfeitadas – homenagem ao padroeiro

Fonte: Maciel, 2021

Após a chegada do Círio a igreja matriz na praça Jarbas Passarinho é realizada uma missa, que termina próximo ao horário do almoço, onde após o término da missa os fiéis vão para casa comemorar o círio em família, enquanto outros aproveitam para ficarem no salão paroquial, este localizado ao lado da igreja, onde é servido refeições, músicas ao vivo, vendas de bingos e leilões, apresentações culturais e muito mais.

10 A ESPETACULARIDADE NA RETIRADA DO MASTRO

O mastro é um símbolo da fé católica usado pelas comunidades ribeirinhas para indicar que naquele local está acontecendo uma festividade. Além deste simbolismo, o mastro carrega outros significados, como a forma de homenagear o padroeiro, enfeitando o mastro com frutas e folhas agradecendo ao padroeiro pela fartura recebida.

Em Moju, a retirada do mastro é feita um mês antes do início da festividade. A árvore que servirá de mastro é oferecida por uma comunidade ou algum devoto que como forma de agradecimento ou de pagar uma promessa, oferece a retirada da árvore de sua propriedade.

Após a escolha da árvore, a Associação Amigos do Mastro e outros simpatizantes, deslocam-se para o local, que muitas vezes se encontra na zona rural do município. O deslocamento até esses lugares é feito através de ônibus, caminhões ou barcos, a escolha do transporte dependerá muito da localidade. O momento de ida é animado pela bandinha do divino que tocam desde marchinhas de Carnaval, carimbo, como também outros ritmos, agitando os simpatizantes com muita música e gargalhadas.

Imagem 16 - A escolha da árvore



Fonte: Ronilson Brito, 2018

Ao chegar na localidade, todos adentram na mata muito animados ao som da bandinha até chegarem ao local onde se encontra a árvore que será retirada. Após acharem a árvore, o grupo se reúne formando um grande círculo ao redor da árvore e todos se juntam num grande momento de oração antes de derrubarem a árvore. Oração é descrita abaixo:

Pai Nosso
Pai Nosso que estais nos Céus,
santificado seja o vosso Nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no Céu.
O pão nosso de cada dia nos daí hoje,
perdoai-nos as nossas ofensas
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido,
e não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do Mal.
Amém.

Após este momento de oração, o momento fica mais animado, a bandinha começa a tocar com mais intensidade, é chegada a hora de tirar o mastro. E assim, são feitas duas filas, uma de homens e outra de mulheres, o coordenador passa o machado para as mãos dos simpatizantes que vão golpeando a árvore um por um.

Imagem 17 - A retirada da árvore



Quando a árvore vem ao chão faz-se uma grande festa e muitos aplausos, depois da árvore desgalhada, os homens carregam o tronco para fora da Mata e atrás o povo cantando, dançando e orando, neste momento cada um Expressa o seu sentimento de gratidão da sua melhor forma.

À tardinha quem não pode ir para a escolha e retirada do mastro, fica a esperar. Quando os foliões vêm chegando com o mastro, as pessoas correm em direção ao barco ou ao caminhão, recebendo os amigos do mastro com queima de fogos, aplausos e muito entusiasmo. Assim, levam a árvore até o barracão da Associação Amigos do Mastro onde a festa continua com muitas músicas, comida e bebidas. Passado o alvoroço o tronco é colocado para secar, espera que dure até o dia em que se inicia a festividade Divino.

Imagem 18 - Foliões em festa- o mastro chegou!



11 LEVANTAÇÃO DO MASTRO

A tradição do mastro na festividade do divino Espírito Santo em Moju, nasce a partir de uma promessa feita ao padroeiro. Segundo o depoimento de Raimunda Maria de Fátima Vilhena Fonseca, certa vez um de seus filhos, Sérgio Fonseca, esteve muito doente. Então, ela e seu falecido marido Ademir Marques Costa Fonseca (conhecido como Seu Xixi) fizeram uma promessa ao Divino Espírito Santo, que se o santo curasse seu filho, eles ergueram todos anos pela festividade do divino, um mastro cheio de frutas para agradecer pela cura do menino.

E assim, passado algum tempo, o menino melhorou vindo a ficar curado, e conforme prometido seu Xixi e sua família ano após ano erguia um mastro na festa do Divino. Após 15 anos à frente do mastro, Seu Xixi veio a falecer, passando a promessa e a tradição ao seu filho, Sérgio Fonseca, hoje sucessor à frente do mastro. Com o tempo, o que era promessa apenas da família Fonseca começou a se expandir a outras famílias, e hoje está união de famílias e amigos é conhecida como Associação Amigos do Mastro. Com mais de 30 anos, o mastro é uma tradição dentro da festividade do Divino Espírito Santo.

Imagem 19 - Associação Amigos do Mastro



Fonte: Iracema Maciel, 2019

No primeiro domingo da festividade, isto no início da manhã, a equipe Associação Amigos do Mastro e outros colaboradores, colocam o mastro no barracão na frente da casa de Dona Fátima Fonseca. É chegado a hora de preparar o mastro. Assim, os amigos, os vizinhos e associados, andam de casa em casa, saem em grupos atrás de frutas e plantas para enfeitar o mastro, algumas pessoas que já sabem do dia do enfeite doam frutas de seus quintais guardados especialmente para esse dia.

Após a arrecadação das frutas e plantas, o processo de enfeite torna-se algo espetacular aos olhos de quem acompanha todo o processo. Há o momento de encontros, pessoas que nunca mais tinham se visto, se encontram neste dia, nesta grande ocasião do ano de enfeite do mastro. A agitação toma conta do momento, com o passar das horas mais e mais pessoas chegam. Elas arrumadas para a festa vestem suas camisas vermelhas para participarem desse momento único durante o ano.

Imagem 20 - enfeite do mastro



Fonte: Iracema Maciel, 2019

O mastro começa é envolvido com folhas de palmeiras e ubim presas com barbante cobrindo todo o tronco, após encaparem o mastro todo, são amarradas as frutas, elas de todo tipo, cores e variedades. É coco, cacau, banana, cana, Marajá. Enquanto o ordenar do mastro acontece, se observa a transformação que ocorre no espaço. Música, comida, cachaças se faz presente no ambiente, no entrar da tarde o ornar do mastro termina, agora se aguarda o levantamento do mastro.

O mastro sairá em comitiva do barracão da associação às 17 horas da tarde. Uma multidão de centenas de pessoas de vários cantos da cidade, como também pessoas de outras cidades, se reúnem em frente ao barracão do mastro à espera do cortejo. Neste momento se percebe uma mistura, de gente e de cores, sentimentos e sabores, do religioso e do profano. A música religiosa se mistura com as marchinhas de carnaval, e assim, os foliões louvam, agradecem e se divertem no levantamento do mastro.

Todo ano alguém doa uma bandeira para ser pregada no Alto do mastro. Após a chegada da bandeira e da benção do padre, homens e mulheres, jovens e crianças, carregam o mastro pelos ombros com muita euforia, gritos de alegria e animação ao som da bandinha de fanfarra que toca desde músicas religiosas, marchinhas de carnaval até músicas juninas.

O mastro do Divino segue em cortejo pelas ruas de Moju, subindo pela Rua Lauro Sodré, Rua da Saudade, Marechal Castelo Branco, Avenida das Palmeiras, Benjamin Constant. Algumas curiosidades deixam simpatizantes, brincantes e espectadores do mastro com medo, por causa de certos comportamentos diferenciados. Este tipo de comportamento pode ser identificado como forma de expressão de fé e agradecimento encontrado no festejar.

Pode-se observar que entre os comportamentos realizados no carregar do mastro se identifica o momento de levantar o mastro na força do braço. Com alegria toda vez em que passam em algum local importante da cidade como delegacia, hospitais, escolas, fórum e outros lugares os foliões erguem o mastro causando um enorme impacto nos espectadores. Outro momento que causa muita aflição é o zig-zag que os carregadores do mastro fazem jogando o tronco em direção das pessoas que se espalham para não serem atingidas.

Outro momento que se pode destacar, de impacto para aqueles que observam ao passarem pela rua e para os acompanhantes do mastro, é o momento descrito como tapas, chineladas, ripadas com galhos retirados do próprio mastro. Esse comportamento acontece geralmente entre jovens, se configurando para eles diversão e, quanto mais a banda agita, mais frenéticos ficam esses comportamentos durante o cortejo do mastro, este comportamento acontece durante uma boa parte do trajeto.

O cortejo tem sua parada final com a chegando a Praça Matriz. Em frente a orla da cidade, nas margens do Rio Moju, uma bandeira com o símbolo da coroa do Divino, aguarda o momento de ser ateadada. Confeccionada pela pessoa que a pegou no ano anterior, a bandeira é pregada ao mastro, sendo erguida pelos homens da Associação

Amigos do Mastro que para conseguirem tal ação usam tesouras enormes feitas com ripões para dar sustentação ao mastro na hora de erguê-lo.

Imagem 21- Levantação do mastro



Fonte: Ronilson Brito, 2022.

O mastro é erguido. Ficando fixado na praça matriz ao lado da orla durante uma semana. Neste limiar, no sábado penúltimo dia da festa, acontece o Círio Fluvial momento de encontro duas coroas do Divino Espírito Santo nas águas do rio Moju. As coroas descem em direções contrárias ao rio, indo uma para o alto e a outra para o baixo Moju. O encontro acontece em frente da Cidade por volta do meio-dia, os barcos que transportam as coroas atracam no antigo porto da balsa e seguindo em procissão até a igreja matriz, culminado o momento com a missa solene. No domingo, último dia de festividade, acontece a derrubada do mastro a partir das 17 horas da tarde, uma multidão se reúne para prestigiar o momento e disputarem as frutas e a bandeira. Após a queda do mastro a festa continua com a noite de arraial e sorteio na barraca.

12 CONCLUSÃO

A festividade do Divino Espírito Santo em Moju é uma grande festa religiosa do catolicismo com tradição de mais de 268 anos. A festividade que ganhou outros traços ao longo dos anos reúne em seu cerne manifestações que se evidenciam no cortejo da festividade, ao que se pode chamar de espetacularidade da festa. O Auto do Divino é uma das espetacularidades que acontece no interior da festividade. Movimento recente, assemelha-se ao Auto do Círio promovido na cidade de Belém, em honra a nossa senhora de Nazaré.

De pouco menos de dez anos o Auto de Divino em Moju se assemelha a uma escola de samba com suas várias alas, circuito desenvolvido a partir de apresentações artísticas regionais, como as senhoras da folia do divino, os grupos folclóricos, a união das escolas, entre outras estruturas que compõe a dramaturgia do Auto.

Assim, como artista pesquisando participante, busquei colocar nas linhas acima minha visão sobre a espetacularidade a partir de dois pontos de vista. O primeiro desenvolvido pelo observador de fora do espetáculo, filmando e fotografando o momento, e o segundo como participante artista dentro do Auto e dá festividades do Divino, e assim pude compreender amplamente a manifestação que traz consigo a fé do povo mojuense, que em sua maneira de viver transforma a festa em arte, lúdico dos artistas e da população que faz da festividade do Divino uma manifestação espetacular.

Assim, cabe evidenciar que o objetivo geral traçado nesta investigação foi alcançado, uma vez que se buscou: Analisar o Auto do Divino do município de Moju enquanto fenômeno espetacular na festividade. Assim, como pude participar de mais de uma festividade, colhendo dados e observando o auto conforme se pode observar na análise acima. Entretanto, se aponta que nos últimos dois anos, a festividade foi interrompida por causa da Covid-19 que assolou o Brasil e o mundo e como consequência a festividade não aconteceu no município de Moju.

Reconhecesse que o Auto do Divino tem como um dos seus objetivos propagar a história e origem de Moju, quer seja por meio do achado da pombinha e ou da festividade do Divino Espírito Santo de Moju, resgatando e preservando as histórias que atravessam o município, suas origens e cultura, além de propagar a fé católica, tudo isso por meio das manifestações espetaculares presente no teatro e nas formas artísticas que se apresentam neste dia.

Durante o período de graduação na escola de teatro e dança da UFPA, busquei absorver um pouco de cada aprendizagem que tive em todas as disciplinas oferecidas pela licenciatura em teatro. Os trabalhos de pesquisas durante a graduação foram muito importante para o meu desenvolvimento como pesquisador, e como uma das únicas pessoas de Moju a cursar uma licenciatura em teatro, pensei, Por que não falar de algo da minha cidade? Como já havia feito na disciplina de História do Pará, onde realizei um trabalho de entrevista sobre o boi bumbá Caprichoso de Moju coordenado pelo Senhor Germano.

A escolha do tema para o meu trabalho de pesquisa, aconteceu durante a disciplina metodologia da pesquisa em arte, onde escolhi falar sobre o Auto do Divino em Moju Pará. É uma escolha muito significativa para mim como artista, como diretor teatral, e como professor de teatro que busca educar inspirado nas manifestações culturais e artísticas da cultura local.

A graduação teve suma importância para minha formação como artista e como professor de teatro, pois através de todos os aprendizados que tive em todas as disciplinas, busquei me profissionalizar, aprender, especializar, e através de minha formação poder trabalhar melhor o teatro no município de Moju.

REFERÊNCIAS

DUMAS, Alexandra Gouvêa. **Etnocenologia e comportamentos espetaculares**: desejo, necessidade e vontade. VI Congresso de pesquisa e pós-graduação em Artes cênicas, 2010.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: Questões & Debates**, Editora UFPR, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/7863/5544> Acesso em: 13 mai. 2021.

LIMA JR, Adamor Ferreira. Tradições e inovações na festividade do Divino Espírito Santo em Moju – Pa. Universidade Federal do Pará: Belém, Pa, 2004.

LOPES, Jomara da Conceição; MACIEL, Zilene dos Reis. Formação da identidade amazônica a partir da análise do esboço O Ludum de José Verissimo. In: Alves, Cristiane de Mesquita (Org). **Notas de estudos de Literatura Amazônica**: uma escrita por acadêmicos de graduação. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora fi, 2021.

LOUREIRO, Paes. **Cultura amazônica**: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

MARCONI, Maria de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Outra Amazônia: os santos e o catolicismo popular. **Norte Ciência**, vol. 2, n. 1, p. 1-26, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/3015220/Outra_Amaz%C3%B4nia_os_santos_eo_catolicismo_popular Acesso em: 13 mai. 2021.

OLIVEIRA, Elvis Reis de. **“Iê, viva a capoeira, camará!”** Apropriação do espaço pela capoeira em vitória - Es: consolidando a identidade cultural e ampliando a cidadania. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo., Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/11066> Acesso em: 07 out. 2022.

SALLES, Válber. **Divino Espírito Santo de Moju**: Rio das Cobras. 3 ed. Belém: Destaque, 2015.

SANTA BRÍGIDA, Miguel. A etnocenologia na amazônia: Trajetos-Projetos-Objetos-Afetos. **Repertório**, Salvador, nº 25, p.13-23, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/15390> Acesso em: 13 mai. 2021.

SANTA BRÍGIDA, Miguel. O auto do círio: festa, fé e espetacularidade. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 5, n. 1, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12596> Acesso: 13 mai. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2018.